

[ EDUARDO MOTTA ]

Artista plástico, estudou na Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais. Editor de Moda do Sistema Usefashion de Informações. Editor do blog [www.radarconsultoria.com](http://www.radarconsultoria.com). Consultor de moda da Radar Consultoria. Designer e pesquisador, com experiência na identificação e formulação de macro-tendências. Autor do livro *O calçado e a moda no Brasil: um olhar histórico* (Assintecal, 2005).  
E-mail: [eduardomotta@radarconsultoria.com](mailto:eduardomotta@radarconsultoria.com)

## Celebrity-obsessed artists

Marcel Duchamp, artista que até hoje confunde os puristas do campo da arte, lançou, em 1921, um perfume falso, o Belle Haleine, com direito a frasco elegante, caixa de embalagem em forma de urna funerária e rótulo com a imagem dele travestido de Rose Sélavy, personagem feminino que o artista eventualmente incorporava. Em 1996, foi a vez da dupla de estilistas holandeses Viktor Horsting e Rolf Snoeren, especializados em expandir a ideia do que é ou não moda. A simulação incluiu uma campanha e muito barulho para anunciar um perfume inexistente dentro de um frasco que nem podia ser aberto. Em 2009, o artista italiano Francesco Vezzoli<sup>1</sup> lançou o seu Greed (Cobiça). O filme publicitário foi dirigido por Roman Polanski e estrelado pelas atrizes Natalie Portman e Michelle Williams que literalmente se engalfinham em uma disputa corporal pelo perfume. Oitenta e sete anos depois, Vezzoli pretende expor o desvario *mass media* em torno dos produtos de luxo requeitando a ideia original de Duchamp.

[ 29 ]



Cena do filme de lançamento de Greed. Cortesia Moderna Museet.

Vezzoli é um artista controverso que explora o sistema de celebridades, inclui indistintamente nele atrizes hollywoodianas, Pasolini e Pirandello, e tem a habilidade de atrair um diretor da estatura de Polanski e profissionais mundialmente renomados como Sharon Stone, Mila Jovovich, Benicio del Toro e as já citadas Portman e Willians para participar dessa e de outras realizações semelhantes.

O trabalho de Vezzoli incide em apropriações de ideias e de obras preexistentes, caso do *trailer* para um *remake* de *Calígula* – filme de 1979, que tem roteiro de Gore Vidal –, e do projeto de reedição do Relatório Kinsey sobre sexualidade, da década de 1940, uma parceria com a Fundação Prada que ainda está em andamento.

A crítica divide-se, e a imprensa especializada responde às provocações do artista com um misto de encantamento e desconfiança, expresso na ironia de David Groz<sup>2</sup>.

Groz: Você imagina que o Greed tenha um cheiro?

Vezzoli: Não, eu acho que o Greed cheira como nada, mas nada cheira como o Greed.

Groz: Isto é esperto. Você praticou esta resposta?

O tom crítico, mas alinhado com o discurso publicitário e sensacionalista que emana da obra de Vezzoli volta e meia se vira contra ele. O que certamente converge para seus interesses em servir uma salada prolixa e provocativa dentro do sistema de exibição da arte. É o que transparece na declaração do artista: "A promoção de uma coisa e a coisa em si mesma algumas vezes convergem perigosamente, mas este é o mundo em que vivemos".

A declaração de Vezzoli não deixa dúvidas sobre em que frestas o artista infiltra o seu trabalho no circuito do pensamento contemporâneo a respeito de arte: "Eu deliberadamente misturo artistas como Eva Hesse, que tem uma aura de integridade, com outros que têm uma aura de corrupção".

Remexendo em águas turvas, que banham os empreendimentos culturais considerados sérios, além de outros não tão sérios, Vezzoli coloca-se como um parodista da arte tanto quanto do culto à personalidade, ao dinheiro, à mídia, à fama, enquanto participa, ele mesmo, dos paradoxos que explora. Esse posicionamento tem histórico farto na história da arte. Voltamos ao matricial Duchamp, com o jogo das aparências e com a dessacralização da ideia do que é ou não arte, lá no começo do século XX, e chegamos a Andy Warhol nos anos de 1960, outro aficionado por celebridades. Os sistemas que eles manipularam convergem para os de Vezzoli, a diferença é que são bem mais potentes hoje do que eram no passado, garantindo a Vezzoli uma repercussão atualizada e equivalente.

## A mostra em Estocolmo

Entre o dadaísmo de Duchamp e o pop de Warhol estaria o surrealismo de Salvador Dalí, o elo perdido entre uma coisa e outra e protótipo do artista celebridade. É o que postula a mostra *Dalí Dalí Featuring Francesco Vezzoli*, no Moderna Museet em Estocolmo, Suécia<sup>3</sup>.

Salvador Dalí foi mesmo um precursor influente da arte pop dos anos 1960. Ele adotou variadas formas de atuação comercial, desenhou joias, figurinos, sofá e soube manipular a mídia de massa como palco para performances em torno da personalidade artística extravagante que inventou.

Dalí tem um papel determinante no que a curadoria da exposição chama de *celebrity-obsessed society* dos dias de hoje, dando forma a um relacionamento entre a cultura pop e o mundo da arte que reverbera no trabalho de Vezzoli, outro obcecado pelo exibicionismo e por obras sem uma agenda intelectual aparente. Essa convergência levou o curador Peter Nilsson do museu sueco a aproximar um e outro, reunindo a extensa produção de Dalí a uma boa fatia de obras de Vezzoli.



Salvador Dalí. Traje do ano de 2045. Cortesia Moderna Museet.

## Dalí, Vezzoli e a moda

Além de um recorte rigoroso com obras dos anos 1930, considerado o melhor período de Dalí, a exposição abriu espaço para a heterogênea produção que viria a seguir, incluindo o vestido-lagosta, um dos frutos da parceria com a estilista Elsa Schiaparelli, e trajes inteiros desenhados por ele mesmo.

Se a proximidade do artista catalão com a moda é notória, ela não é menor no caso de Vezzoli, que entende perfeitamente bem a potência deste ambiente para os seus propósitos. Ele tem fixação por musas do presente e do passado, Courtney Love, Cate Blanchet e Anita Ekberg, do clássico *La Dolce Vita*, de Fellini, são bons exemplos. Todos os figurinos do *remake* de *Calígula* foram desenhados por Donatella Versace, e a escolha de um perfume como peça de lançamento não está vinculada apenas à obra de Duchamp, mas a um ícone máximo do consumo de moda. Isso para citar apenas alguns casos de trânsito entre arte e moda no trabalho dele. Nas palavras de Vezzoli:

A moda é assumidamente parte da indústria de entretenimento, diferentemente da arte, que se sente constrangida com esta condição. Eu não consigo entender como tanta gente do mundo da arte se sente envergonhada com suas ambições por visibilidade. Isto torna sua atitude intelectual distorcida, e no fim é o trabalho deles que sofre.

Ao aproximar Dalí e Vezzoli, aprofundam-se os pontos comuns e controversos entre eles, como o exibicionismo ruidoso e algumas ideias e técnicas requentadas. Vezzoli se defende:

Muitos críticos ficam chocados com o fato de que eu uso celebridades no meu trabalho e concluem que, desde que ele é sobre a superfície das coisas, permanece na superfície. Eu desisti de reivindicar um aspecto político para o meu trabalho e deixo este julgamento para os outros.

O que há de melhor em um e outro também emerge (a despeito do meu gosto, que não se inclina por nenhum dos dois), a saber, a capacidade de diluir fronteiras entre campos de expressão diferentes e de sacudir a chatice das purezas absolutas.

## NOTAS

[1] Francesco Vezzoli nasceu em Brecia na Itália, em 1971. Estudou na Central St. Martin's School, em Londres. Vive e trabalha em Milão.

[2] Todas as declarações de Vezzoli neste texto foram extraídas da entrevista concedida a David Groz (disponível em: <<http://www.artinfo.com/news/story/30308/francesco-vezzoli>>), em fevereiro de 2009, época do lançamento do perfume Greed. Tradução livre do autor.

[3] A mostra ficou em cartaz de 18 setembro de 2009 a 17 janeiro de 2010. A curadoria geral foi de Peter Nilsson. Caroline Corbetta foi a responsável pelo projeto curatorial de Francesco Vezzoli, e Matilda Olof-Ors, a curadora assistente. Para saber mais, acesse: <<http://www.modernamuseet.se/en/Stockholm/Exhibitions/2009/Dali-Dali>>.